

Como escrever para o "Recreio"

O nosso endereço é:
Recreio - Página Infantil do Jornal de Angola - Rua Rainha Ginga, 18/26 - Luanda, ou para o e-mail: ednovembro.dg@nexus.ao.



Recreio

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL DE ANGOLA

CONSELHOS

Ler também é cultura

Ler faz parte do teu crescimento e do teu conhecimento. Aconselho-vos a viajarem através da leitura. Sim, porque lendo tu vijas ao lugar da tua leitura. Por exemplo, se estiveres a ler um livro sobre a cultura de um país, através da leitura que fazes a tua imaginação visualiza aquele país, sentes-te naquele lugar e a partir daí a tua mente grava o que leste. É um conhecimento que adquiriste, por isso é que é muito importante ler. Aproveita o concurso que a página Recreio está a promover para o dia 1 de Junho e ganha um livro de contos do nosso suplemento.

PROVÉRBIO

★ O coração de um homem e o fundo do mar são insondáveis.

Cartas dos Amiguinhos

As primeiras férias do ano

Amiguinhos estamos de férias durante duas semanas. Vamos aproveitá-las da melhor maneira. Vamos brincar, passear e viajar para fora do país ou por Angola, que tem muitos recantos lindos para conhecer. Não precisas de passar as férias todas em casa. Convince o papá ou a mamã a fazerem programas contigo. No fim-de-semana podem viajar para o Lubango ou para o Namibe e visitarem a Serra da Leba, a fenda da Tundavala ou podem ir ao Deserto do Namibe, visitar a bonita Welwitschia Mirabilis. Assim, quando retomares as aulas vais ter coisas boas para contar aos teus colegas e amigos. Também podes ir passear à barra do Kwanza, ao Panguila ou ir até ao Sumbe, que também tem muitos lugares bonitos, como por exemplo as Aguas Termais. É um lugar lindo com águas bem quentinhas e até dá para acampar porque há lá uma praia linda. Então, vamos todos aproveitar as férias, mas não podemos esquecer de ver a matéria para que ao regressarmos às aulas estejamos todos preparados para um novo desafio.

HENRIQUETA JAMBA | 12 ANOS | LUANDA

BRINCAR E APRENDER

ADIVINHAS

1. Ao sair de casa, dona Vaca deixou para os seus dois filhos, Rómulo e Remo, uma certa quantia de notas de cem kwanzas e um bilhete que dizia: "Metade destas notas para cada um". Quando Rómulo chegou a casa, leu o bilhete, pegou em metade das notas e saiu. Ao chegar, Remo leu o bilhete e, pensando ser o primeiro, pegou apenas em metade das notas e saiu. Mais tarde, ao voltar, dona Vaca encontrou ainda três notas. Quantas foram as moedas que tinha deixado para seus os dois filhos?

Solução: A dona Loba encontrou três notas, logo o Remo levou três notas. Então o Rómulo deixou seis e levou outras seis. A dona Loba tinha deixado 12 notas.



VAMOS COLORIR

CONCURSO DE JUNHO

- Quantas edições do Recreio o Jornal de Angola já publicou?
- Quem é o autor do livro: "O soar dos Quissanges"?
- Quantos anos completa a Edições Novembro e quando se comemora o seu aniversário?

PARTICIPE!

SABIAS QUE...

O jaguar vive em savanas, florestas húmidas, nas margens de rios e ambientes campestres. Pesa entre 36 e 158 quilos e procria de um a quatro filhotes por gestação. O jaguar tem hábitos nocturnos e é solitário. Necessita de pelo menos dois quilos de alimento por dia. Excelente caçador e nadador, costuma caçar pacas, catetos, veados e até peixes, selecciona naturalmente as presas mais fáceis de serem abatidas.

CONTOS POPULARES ANGOLANOS

Quando o filho comeu a carne guardada para a mãe

SEKEIA BINDO | *

Naquele reino de água e Sol, onde à tardinha Kufa ouvia o vento e a chuva, aconteceu uma grande desgraça: um dia, ao amanhecer, todos juraram ser ricos. Os velhos doentes e cheios de feridas, as velhas desdentadas e mirradas, os jovens caçadores cheios de força e coragem, as mais belas meninas do vale do Keve, as crianças que ainda cheiravam a leite. Todos acordaram com a febre da riqueza a todo o preço.

O dinheiro perde as pessoas. Kufa deixou de ouvir o vento sibilando nas folhas das árvores. No reino, os tumultos eram tantos que ninguém ouvia a corrente suave do rio serpenteando o arvoredo.

O rapaz disse ao seu velho avô: - Já alguma vez tinha chegado esta febre do dinheiro às pessoas deste reino?

E o velho moveu a cabeça silenciosamente, em sinal de negação. Nunca. Foi a primeira vez que a febre da fortuna chegou àquelas paragens. Até os hipopótamos do rio queriam ser ricos. E as gazelas elegantes esticavam o pescoço para terem mais pasto que as outras.

Kafuka, entristecido por ter perdido o som do vento e da chuva, cansado de ouvir os tumultos entre aqueles que queriam ser mais ricos que os outros, foi ter com o avô e anunciou a partida.

O velho agarrou a sua mão, sentou-o a seu lado e disse:

- O mundo é demasiado pequeno para receber os que querem ouvir a chuva e o vento. Do outro lado das montanhas, muito para lá do Mungo e do Bié, também há tumultos pela riqueza. Todos querem dinheiro. Fica aqui e salva o que há para salvar.

Kafuka encarou o avô e chorou lágrimas amargas. Depois pôs os olhos no horizonte e disse que nada mais há para salvar, quando um filho moço, na sua extrema ambição de riqueza, come a carne que estava guardada para a mãe:

- *Ostu yatjyo, oyoyamāyi, uma-lehe wailya!*

Kafuka ficou isolado naquele reino de tumultos ditados pela riqueza e a ambição. Um dia os velhos da aldeia procuraram o avô do rapaz e defenderam a sua expulsão para sempre daquela terra. Ele não podia continuar a desprezar os ricos e as riquezas. Mas o velho defendeu o neto. Foi severamente admoestado por ousar defender um perdido.

O velho, sem nunca perder a sua majestade, disse aos outros:

- *P'pkati kene, omumu upi okwete ot-jita tjomememe, nda wañelisa omeme imosi, kasi he olomeme vikwavo akwi etjyeha v'ekalosoko, kakandela inayañelela, kaipakasa toke waisanga?*

Qual de vós, tendo um rebanho de 100 ovelhas, e perdendo uma que seja, não deixa as 99 no pasto da colina, e não se põe a caminho por amor da ovelha perdida, não a procura até encontrá-la?

Ditas estas palavras, os tumultos esmoreceram e um manto silêncio repousante caiu sobre a aldeia e envolveu as pessoas tomadas pela febre da riqueza a qualquer preço.

Lá longe, junto ao rio, Kafuka sentiu o vento remexer a folhagem das árvores. Estava tudo tão silencioso que ouviu nitidamente o bater de asas do catutui. Mas em breve regressaram os tumultos e as vozes iradas de quem perdeu e não achou, de quem amealhou mais, soumu riqueza à riqueza. Aquele momento silencioso mostrou ao rapaz

que afinal nada estava perdido e ainda existia, sob a voragem do quotidiano, a suprema suavidade da vida e o encanto das coisas simples.

Era no tempo dos loengos e o milho verdejava ao Sol. O gesto de colher um fruto maduro era mais belo do que as mãos que rapinam tudo o que encontram. Na vida há sempre o que vemos e se impõe aos nossos olhos, mas também a magia da flor que se transforma em fruto maduro e o silêncio do Sol verdejando o milheiral.

Kafuka teve um pensamento para o velho avô e recordou uma lição que lhe dera:

- *Ukulu wohombo okufula kafuli, okupāla kapāli. Eseña wakapela v'olongolo!* Cabra velha, pisar não pisa, peneirar não peneira. Põe o fo-cinho nos joelhos.

Mas cabra velha pensa bem.

Desde aquele dia, o rapaz procurou a harmonia longe dos tumultos, o fruto maduro para lá das fronteiras da aldeia, admirou a elegância da gazela na planície cheia de pasto. E quando a brisa soprava, ele conseguia ouvi-la na ramaria das árvores. O som da chuva miúda chegava ao seu coração, reconciliando-o com a vida.

O avô ficou em paz com o reencontro de Kafuka com a vida. E um dia disse-lhe sorridente:

- *Olombongo, ovyo viñelisa omanu!* O dinheiro é que perde as pessoas.



ILUSTRAÇÃO DE CASIMIRO PEDRO